



*Coordenadora*

Patrícia Rodella de Andrade Tittoto

*Organizadoras*

Alessandra Paula Teobaldo Stocche | Cristina Mendonça |  
Lídia Neves Campanelli | Luciana Marchetti Torrano |  
Marta Dominguez Sotelino

# Algumas matrizes filosóficas no pensamento de Bion

**Blucher**



ALGUMAS MATRIZES  
FILOSÓFICAS NO  
PENSAMENTO DE BION

Coordenadora

Patrícia Rodella de Andrade Tittoto

Organizadoras

Alessandra Paula Teobaldo Stocche

Cristina Mendonça

Lídia Neves Campanelli

Luciana Marchetti Torrano

Marta Dominguez Sotelino

Acervo da Sociedade Brasileira  
de Psicanálise de Ribeirão Preto (SBPRP)

*Algumas matrizes filosóficas no pensamento de Bion*

© 2023 Patrícia Rodella de Andrade Tittoto (coordenadora)

Alessandra Paula Teobaldo Stocche, Cristina Mendonça, Lídia Neves Campanelli,

Luciana Marchetti Torrano, Marta Dominguez Sotelino (organizadoras)

Editora Edgard Blücher Ltda.

*Publisher* Edgard Blücher

*Editores* Eduardo Blücher e Jonatas Eliakim

*Coordenação editorial* Andressa Lira

*Produção editorial* Kedma Marques

*Preparação do texto* Ana Lúcia dos Santos

*Diagramação* Thaís Pereira

*Revisão de texto* Bruna Marques

*Capa* Laércio Flenic

*Imagem da capa* Vaso grego restaurado digitalmente por Lucas Busatto

---

# Blucher

---

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar  
04531-934 – São Paulo – SP – Brasil  
Tel.: 55 11 3078-5366  
contato@blucher.com.br  
www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme  
6. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua  
Portuguesa*, Academia Brasileira de Letras,  
julho de 2021.

É proibida a reprodução total ou parcial por  
quaisquer meios sem autorização escrita da  
editora.

---

Todos os direitos reservados pela Editora Edgard  
Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação  
na Publicação (CIP)  
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

---

*Algumas matrizes filosóficas no pensamento  
de Bion / coordenação de Patrícia Rodella de  
Andrade Tittoto ; organização de Alessandra  
Paula Teobaldo Stocche...[et al]. - São Paulo :  
Blucher, 2023.*

p. 540

Bibliografia

ISBN 978-85-212-2154-8

1. Psicanálise 2. Filosofia 2. Bion, Wilfred  
Ruprecht, 1897-1979 I. Tittoto, Patrícia Rodella de  
Andrade II. Stocche, Alessandra Paula Teobaldo

23-4909

CDD 150.195

---

Índices para catálogo sistemático:  
1. Psicanálise

# Conteúdo

Introdução: um diálogo entre amigos <i>Ester Hadassa Sandler</i>	19
<b>Bion &amp; filosofia + linha do tempo das escolas filosóficas</b>	
1. Notas sobre algumas das bases filosóficas do pensamento de W. R. Bion <i>Fernando Giuffrida</i>	35
2. Matrizes filosóficas em diacronia <i>Marisa Giannecchini Gonçalves de Souza</i>	67
3. Bion e os gigantes ao som do <i>Bolero de Ravel</i> <i>Luciano Bonfante</i>	81

## **Sócrates & Platão**

4. Eco socrático-platônico na obra de Bion 93  
*Maria Aparecida Sidericoudes Polacchini*
5. Platão: a fronteira entre o corpo e a psiquê –  
diálogo, mito e verdade 133  
*Olavo Negrão Pereira Barreto*
6. Depois do Rubicão 179  
*Luiz Celso Toledo*

## **Kant**

7. Bion e Kant 197  
*Luiz Carlos Uchôa Junqueira Filho*
8. Crise e crítica na filosofia de Kant 217  
*Paulo R. Licht dos Santos*
9. Conversando com o “visível/invisível”:  
sonhos – pensamentos em fluxo 255  
*Renata Sarti*

## **Nietzsche**

10. As raízes filosóficas na obra de Bion:  
raízes nietzscheanas 267  
*Arnaldo Chuster*

11. Bion e Nietzsche: aproximações livres e associativas 289  
*Julio Cesar Walz*

12. A maçã dourada 305  
*Marcelo Salles Bueno*

13. Memórias-sonho 311  
*Sônia Maria Nogueira de Godoy*

### **Hume**

14. Bion e Hume, ou uma leitura cética da psicanálise 323  
*Ney Marinho*

15. As três feridas narcísicas de David Hume 349  
*Danilo Marcondes*

16. Ideações sobre os momentos estéticos:  
Hume, Bion, Michelangelo e Fernando Pessoa 363  
*Ana Regina Morandini Caldeira*  
*Sônia Maria Nogueira de Godoy*

### **Teorias das ciências**

17. Teoria da ciência: método científico na obra de Bion 373  
*Paulo Cesar Sandler*

18. Teoria da ciência e a silhueta azul do encontro 523  
*Ana Regina Morandini Caldeira*

Comissão organizadora 531

Sobre os autores 533

# 1. Notas sobre algumas das bases filosóficas do pensamento de W. R. Bion<sup>1</sup>

*Fernando Giuffrida*

## *1.1 Introdução*

A discussão das bases filosóficas do pensamento de um autor psicanalítico é, usualmente, uma tarefa complexa. Por um lado, pela falta de tradição entre nós, psicanalistas, de submetermos nossas teorias e formulações clínicas a um exame epistemológico pormenorizado e sistemático; e, por outro, pelas controvérsias que a correlação entre psicanálise e filosofia têm gerado dentro do próprio movimento psicanalítico desde o seu início.

Se procurarmos investigar a origem histórica dessas dificuldades, veremos que suas raízes se tornam claras a partir dos textos de Freud, que, ao ver-se diante da necessidade de construir uma teoria da clínica e uma metapsicologia genuinamente psicanalíticas,

---

<sup>1</sup> Artigo originalmente publicado em 2001, na revista *Ide* (n. 34, pp. 34-50). Resolvemos reproduzir seu artigo por ter ocasionado o desdobramento de todo o evento que resultou neste livro. As citações de trechos de trabalhos publicados originalmente em inglês e espanhol são traduções livres do autor.



procurou deliberadamente evitar a influência de ideias filosóficas no seu pensamento (Freud, 1925/1976).

Entretanto, apesar do aparente consenso entre os psicanalistas de que Freud nutria certa antipatia pela filosofia, se examinarmos atentamente sua obra, observaremos que essa impressão de modo algum se confirma, ainda que seu interesse maior não tenha sido pela filosofia enquanto ciência, mas, sim, pela reflexão crítica das bases epistemológicas sobre as quais a psicanálise deveria se desenvolver.

Algumas evidências do interesse de Freud por certas ideias filosóficas e sua correlação com alguns conceitos psicanalíticos são encontradas, por exemplo, no paralelo que é estabelecido entre as incognoscibilidades: da realidade última, a "coisa em si", de Kant, e a do inconsciente em si (Freud, 1915/1974), entre o imperativo categórico kantiano e o conceito de superego (Freud, 1923/1976); no termo "Id", empregado originalmente por Nietzsche com um sentido muito próximo ao utilizado por Freud na segunda tópica (Freud, 1933/1976); na noção de *deslocamento* nos sonhos, fenômeno que havia sido descrito também por Nietzsche, como uma "transposição de todos os valores psíquicos" (Freud, 1900/1974, capítulo 4); no reconhecimento de que as descrições de Schopenhauer sobre o domínio das emoções, da supremacia da sexualidade e do fenômeno da repressão na vida mental correspondiam aos achados da psicanálise (Freud, 1925/1976).

Por outro lado, tudo indica que esse emprego criterioso que Freud fez da filosofia foi perdendo gradativamente a função original de resguardar a identidade da psicanálise e adquiriu contornos de um litígio, certamente infundado, entre psicanálise e filosofia.

Alguns sinais desse desconforto epistemológico podem ser detectados, por exemplo, no prefácio escrito por Strachey para o artigo

“O inconsciente” (Freud, 1915/1974), no qual diz: “deve-se, porém, repetir que Freud não estabeleceu uma mera entidade metafísica. O que ele fez no capítulo VII de *A Interpretação de Sonhos* foi, por assim dizer, revestir a entidade metafísica de carne e sangue” (p. 188).

Naturalmente, esse comentário mostra a antiga preocupação da psicanálise de não se confundir com a filosofia, na medida em que, à primeira vista, ambas estariam tratando de questões de natureza análoga. Entretanto, se pretendemos maior clareza de discriminação, é necessário ter em conta que há um evidente equívoco nessa afirmação de Strachey, pois, se uma entidade metafísica é revestida de carne e sangue, certamente deixa de ser metafísica,<sup>2</sup> assim como, se isolarmos a psicanálise do seu vértice clínico, ela perderá sua identidade específica.

Atualmente, contudo, creio termos boas razões para não temermos uma sobreposição entre a psicanálise e a filosofia, na medida em que tanto o vértice clínico quanto o fato de a psicanálise se ocupar essencialmente da investigação dos processos mentais inconscientes a diferenciam da maioria dos sistemas filosóficos, que, além de empregarem métodos de investigação que independem de qualquer aproximação que se assemelhe à abordagem clínica, em geral operam na área da razão e da consciência.

Ademais, ao longo desses mais de 100 anos de existência, a psicanálise desenvolveu um consistente conjunto de princípios e postulados, tanto na área clínica quanto teórica, que, ainda que multifacetado, em função da diversidade de linhas de pensamento

---

2 A palavra “metafísica” foi utilizada pela primeira vez como uma denominação classificatória da obra de Aristóteles e, portanto, significava originalmente “o texto que vem ‘depois da física’”, isto é, após os textos de física. Atualmente, é por vezes empregada, de forma imprecisa, como sinônimo de filosofia (Mora, 1974/1978).

dentro do próprio movimento psicanalítico, tem servido de referência para inúmeros ramos das ciências, entre os quais a própria filosofia.

Por outro lado, é necessário termos em conta que algumas áreas de natureza conceitual em comum entre essas duas disciplinas não apenas permaneceram praticamente inalteradas ao longo do tempo, mas, em certos casos, ampliaram-se, na medida em que a psicanálise, principalmente a partir de Bion, passou a dar mais atenção aos processos pelos quais certos fenômenos podem ser observados e compreendidos pelo observador – uma área de investigação que, ao contrário da psicanálise, tem se constituído em um dos pilares da filosofia e da teoria da ciência.

Considerando-se, portanto, os aspectos conceituais específicos e as áreas de interface entre psicanálise e filosofia, qualquer tentativa de comparação ou contraste entre ambas nos colocará, inevitavelmente, diante de dificuldades insuperáveis para estabelecerem-se fronteiras absolutamente distintas, tanto em uma quanto na outra disciplina.

Desse modo, penso ser conveniente que o emprego de certas ideias filosóficas como elementos auxiliares para a compreensão de questões clínicas e teóricas que interessam à psicanálise ocorra, preferencialmente, de forma relativística e parcial – é sob esse enfoque que procurarei desenvolver esta discussão.

## *1.2 Algumas ideias filosóficas como referência*

A psicanálise, a exemplo de toda ciência que se fundamenta em princípios teóricos e que depende da observação empírica para a formulação e validação de seus postulados, tem a necessidade de “tentar compreender a sua própria compreensão” (Bion, 1962/1991, “Introdução”).

Dito de outro modo, é necessário nos perguntarmos por meio de quais sistemas filosóficos e a partir de quais referenciais epistemológicos estamos formulando hipóteses clínicas ou teóricas, de modo a tornar o conjunto com o qual operamos livre, na medida do possível, de contradições e ambiguidades.

Bion ocupou-se sistematicamente dessa questão. Ao longo de sua obra, podem ser encontradas generosas referências a sistemas epistemológicos herdados de diferentes escolas filosóficas, particularmente do idealismo kantiano, que assumem a função de balizamento para questões relacionadas à teoria e à clínica psicanalíticas.

Apesar da imprecisão e, até certo ponto, do reducionismo, podemos dividir a filosofia anterior a Kant em dois grandes grupos: o *racionalismo* e o *empirismo*. O motivo dessa divisão se deve ao fato de que Kant (1781/1983) desenvolveu a sua *Crítica da razão pura* basicamente a partir dessas duas grandes escolas do pensamento filosófico.

O racionalismo pode ser definido, sinteticamente, como a teoria das ideias inatas, em que os conceitos fundamentais do conhecimento, apesar de não precederem a experiência, pertencem à razão; o pensamento, por conseguinte, é a única fonte de conhecimento. Essa linha de pensamento é comumente atribuída a Descartes (1628/1989, regra III) e a Leibniz (1684/1982).

Ao empirismo geralmente estão associados os nomes de Locke (1690/1973) e Hume (1784/1973), que, resumidamente, descreveram o espírito humano como originalmente vazio, um papel em branco, no qual o conhecimento se dá apenas mediante o acúmulo de experiências externas captadas pelos órgãos dos sentidos, as quais se transformam em representações. Esse sistema nega, portanto, qualquer papel do inatismo na aquisição do conhecimento.

Kant (1781/1983), por sua vez, partindo do racionalismo e do empirismo, propõe uma teoria até certo ponto conciliadora, segundo a qual a *matéria* do conhecimento advém da experiência, isto é, da intuição sensível (que, para Kant, está relacionada, invariavelmente, aos órgãos dos sentidos), e a *forma* do conhecimento procede do pensamento, isto é, da elaboração de conceitos cuja base formal e a priori é representada pelas *categorias*.<sup>3</sup>

A partir dessa concepção geral, Kant (1781/1983) formula alguns conceitos fundamentais que, sucintamente, podem ser assim definidos:

- “Coisa em si” ou *númeno* (descrito por Bion pela letra O): a realidade ou a verdade última, por definição, incognoscível, por não ser captável por meio dos órgãos dos sentidos, e que, por isso, pode ser apenas pensada, mas nunca conhecida.
- Fenômeno: é somente a representação de coisas que existem, mas que não podem ser conhecidas em si. Refere-se, portanto, à operação que abrange a intuição (sensível) e o desenvolvimento de um conceito cuja forma é delineada, desenhada, por assim dizer, pelas *categorias*. O processo de representação do fenômeno se dá, portanto, invariavelmente por meio de uma relação biunívoca entre sujeito e objeto, o que lhe confere um caráter sempre subjetivo.
- Intuição: diz respeito à nossa percepção sensorial, isto é, ao que nos sensibiliza por meio dos nossos órgãos dos sentidos.
- Conceito: corresponde ao que comumente chamamos de pensamento ou representação simbólica do fenômeno.

---

3 As categorias em Kant não se referem a nenhum objeto específico, na medida em que descrevem apenas a forma pela qual os estímulos captados pelos órgãos dos sentidos se organizam na mente do observador. São exemplos genéricos de categoria: qualidade/quantidade, causa/efeito, possibilidade/impossibilidade, entre outros.

- Conceitos a priori: referem-se a representações preexistentes e equivalem ao que Bion descreve como preconceção.

Para Kant, o processo pelo qual se forma uma representação simbólica ocorre tanto pela intuição do objeto – a sensação que temos do objeto por meio dos órgãos dos sentidos – como pela aplicação de conceitos a priori efetuada pelo sujeito – ambas as operações atuando em consonância resultam num sentido interno, simbólico, do fenômeno.

Por outro lado, na medida em que pretendemos estudar de forma segmentada e comparativa as diferentes maneiras de pensar epistemologicamente a psicanálise e, particularmente, as raízes filosóficas do pensamento de Bion, postularei, à guisa de simplificação, que um dado sistema científico pode ser decomposto em quatro eixos fundamentais, a saber: (1) o *objeto de investigação*; (2) o *método de investigação* empregado; (3) os *pressupostos teóricos* que vão orientar o processo investigativo; e (4) o *modelo epistemológico* empregado pelo investigador.

Penso que, para a psicanálise, tanto o *objeto de investigação*, representado pela realidade psíquica como o *método de investigação*, isto é, o próprio método analítico, têm se mantido relativamente estáveis. Dessa maneira, podemos dirigir nossa atenção para os dois eixos restantes, as *teorias* utilizadas pelo observador psicanalítico e o *modelo* epistemológico empregado – é sob esse vértice que pretendo me orientar.

Creio haver um certo consenso entre os psicanalistas que têm se ocupado com o estudo das bases epistemológicas da psicanálise de que o pensamento de Freud, apesar de continuamente voltado à observação clínica (o que sugere um método de investigação de base empirista), desenvolveu uma metapsicologia de base inatista e com características bastante próximas à filosofia racionalista.

Uma evidência dessa concepção pode ser encontrada em um de seus últimos trabalhos (Freud, 1937/1976), nos quais, ao ilustrar o processo de *construção*, Freud formula uma observação em que tanto a cadeia associativa do analisando como a experiência compartilhada na sala de análise se tornam elementos periféricos e secundários.

Em contrapartida, a abordagem teórico-clínica de algumas escolas psicanalíticas mais recentes e cujo enfoque privilegia o “aqui e agora” da sessão, tende a considerar a experiência de analista e analisando na sala de análise como a pedra de toque do sentido atribuído à situação clínica – o que lhes confere um perfil epistemológico de base marcadamente empirista.

Esses dois vértices de aproximação, apesar de eventualmente adotarem teorias psicanalíticas análogas como pano de fundo, operam segundo referenciais epistemológicos distintos, dado que, no primeiro, a significação do evento clínico está compreendida numa dimensão que independe da relação analista-analisando e está contida previamente no objeto de investigação, isto é, no analisando; no segundo, por considerar que a significação da experiência analítica é um constante devir, desenvolve-se a partir da relação compartilhada na sala de análise.

Entendo, portanto, que, na medida em que pudermos nos servir de certos referenciais epistemológicos para colocarmos sob escrutínio as diferentes *formas* de compreensão teórico-clínica em psicanálise, talvez possamos considerar de maneira abrangente a sugestão apresentada não por um psicanalista ou por um filósofo, mas pelo físico responsável pelo desenvolvimento de grande parte das teorias relativas à mecânica quântica, que diz: “temos que nos lembrar de que aquilo que observamos não é a natureza em si, mas sim a natureza exposta ao nosso método de questionar” (Heisenberg, 1958/1995, p. 48).

### 1.3 Bion, uma ou mais “filosofias”?

Apesar de haver certo consenso entre os estudiosos da obra de Bion de que a base filosófica do seu pensamento está assentada prevalentemente nas ideias de Kant, creio ser necessário considerarmos mais detalhadamente o percurso percorrido pelo seu pensamento, a começar pela primeira parte de *Second thoughts* (1967/1993), no qual estão publicados os artigos escritos entre 1950 e 1962, até *Transformações* (1965/1983).<sup>4</sup>

Se considerarmos, inicialmente, os artigos escritos entre 1950 e 1959 (de “O gêmeo imaginário” a “Ataques ao vínculo”), que foram reunidos posteriormente em *Second thoughts*, penso ser possível identificar o trabalho de um analista tipicamente kleiniano, cujo principal foco de atenção está voltado para a correlação entre a observação clínica e as teorias que formam a base do pensamento de Melanie Klein.

Uma característica marcante desse período é o conjunto de premissas adotadas por Bion, segundo as quais ele parece considerar a experiência clínica predominantemente no âmbito da transferência, no uso da contratransferência como instrumento de observação clínica e de modo semelhante ao proposto por Heimann (1950), assim como na utilização dos conceitos de instinto de vida e de morte, equação simbólica etc.

Outro aspecto significativo dessa fase dos escritos de Bion, que parece mostrar uma estreita correlação com os pressupostos teóricos

---

4 Limitarei estas notas sobre as bases filosóficas do pensamento de Bion até 1965, ano em que publicou *Transformações*, por entender que, em suas publicações subsequentes, ele modifica consideravelmente seus referenciais epistemológicos, fato que, a meu ver, demandaria um outro estudo dessa parte de sua obra.



e epistemológicos que adota, são as longas e minuciosas descrições clínicas, cuja intenção parece ser a de reproduzir textualmente os eventos ocorridos no consultório.

Nesse período, não é possível falar de uma base filosófica específica do pensamento de Bion, tendo em vista que seu referencial, por ser essencialmente kleiniano, organiza-se por meio de uma abordagem de base marcadamente empírico-positivista em relação às questões clínicas e teóricas.

Essa abordagem sugere que a descrição de uma situação clínica mantém praticamente invariantes as características de certos objetos psicanalíticos, assim como suas relações entre si, dando ensejo, portanto, à transposição desses objetos de uma esfera de aplicabilidade para outra, isto é, da situação clínica propriamente dita para a narrativa clínica.

Sob esse enfoque, os próprios elementos narrativos passam a ser compreendidos, de certo modo, numa área equivalente àquela da situação clínica em si.

Exemplos genéricos dessa concepção também podem ser vistos em discussões clínicas em nosso meio, nas quais os elementos narrativos são compreendidos, frequentemente, como se fizessem referência exatamente ao que ocorreu na sala de análise.

Entretanto, verificando as opiniões expressas por Bion (1967/1993) no capítulo introdutório de *Second thoughts*, o qual foi escrito em época posterior à publicação de *Transformações*, é possível observar tanto a sua desconcertante opinião a respeito das narrativas clínicas como as profundas mudanças ocorridas em seus referenciais epistemológicos nesse período:

*Eu não considero que nenhuma narrativa que pretenda ser um relato de fatos, seja a respeito do que o paciente*

*disse ou do que eu disse, possa ser considerada como um “relato factual” do que aconteceu. Em primeiro lugar, eu não atribuo à memória o significado que lhe é normalmente dado. O fato de as distorções involuntárias terem sido bem estabelecidas pela própria Psicanálise tornaria absurdo nos comportarmos como se nossos relatos estivessem, de alguma maneira, isentos de nossos próprios achados. A memória nasce da experiência sensorial e só a ela se adapta. (p. 1)*

Se considerarmos essas afirmações de maneira abrangente, é possível que tenhamos um campo fértil para uma ampla reflexão a respeito dos limites de uma prática tão comum quanto consagrada na atividade analítica, que é a do relato de casos clínicos e, por conseguinte, da própria atividade de supervisão.

### *1.4 Uma primeira mudança de vértice epistemológico*

Em 1962, Bion acena com uma primeira e significativa mudança no seu referencial epistemológico ao publicar “*A theory of thinking*” (1962/1993). Nesse artigo, propõe uma nova terminologia, derivada quase integralmente das ideias de Kant, e são cunhados termos como “preconcepção” (cujo sentido é análogo ao proposto por Kant para os conceitos a priori ou pensamentos vazios), “concepção” (que equivale a pensamentos com certo grau de insaturação que ainda não podem ser representados por uma palavra)<sup>5</sup> e “conceitos” (análogos ao que Kant denomina “pensamento” ou “representação”).

---

5 Apesar de Bion não se utilizar do termo “conjectura”, creio que essa expressão poderia, eventualmente, ser usada para nos aproximarmos do significado de *concepção*.

O modelo geral utilizado por Bion para essa teoria considera que, quando uma preconcepção (como a preconcepção do seio) é posta em contato com uma realização que dela se aproxima (o próprio seio), o resultado é uma concepção (neste caso, uma concepção do seio real na mente do bebê).

Analogamente, em Kant (1781/1983), o processo pelo qual se adquire um conhecimento ou uma representação do objeto é: conceito a priori + intuição → conhecimento, sendo que, para o filósofo, os conceitos a priori não têm conteúdo, mas são apenas formas de conhecimento, assim como a intuição está invariavelmente associada ao estímulo provocado pelos objetos nos nossos órgãos dos sentidos. Dessa concepção decorre o conhecido aforismo kantiano “pensamentos sem conteúdo são vazios, intuições sem conceito são cegas”.

Vendo por esse ângulo, poderíamos dizer que Bion praticamente efetuou uma mera transposição de algumas ideias de Kant para a psicanálise, sem nada acrescentar ao que esse sistema filosófico já havia desenvolvido. Entretanto, é exatamente nesse ponto que se dá uma primeira e importante deflexão das ideias de Bion em relação ao modelo kantiano para a formação dos pensamentos.

Apesar de adotar de forma precisa a equação kantiana (nos termos de Bion, preconcepção + realização = concepção) como ponto de partida para suas proposições, na medida em que a conjuga com as concepções de Freud (1911/1974) expressas em “Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental”, Bion (1962/1993) expõe o que efetivamente parece configurar-se em um novo referencial epistemológico para a formação dos pensamentos ao escrever: “cada vez que uma preconcepção se une a sua realização, se produz uma concepção. As concepções, por conseguinte, sempre estarão unidas a uma experiência emocional de satisfação. Limitarei o termo ‘pensamento’ à conjunção de uma preconcepção com uma frustração” (p. 111).

Em outros termos, “o pensamento é o produto da justaposição de uma preconcepção com uma realização negativa” (p. 112). E acrescenta: “O ponto crucial está na decisão entre iludir ou modificar a frustração” (p. 112).

Neste ponto, uma breve digressão se faz necessária.

Na maioria das discussões entre estudiosos da obra de Bion, o termo *frustração* (geralmente precedido pela expressão “tolerância a...”) não só é utilizado com maior frequência como geralmente é empregado no seu sentido negativo, isto é, na aceção de uma ausência ou de uma “falta da presença” do objeto.

Por outro lado, apesar de menos utilizada, a expressão “realização negativa” veicula uma ideia que, a meu ver, representa de modo bem mais preciso a função que é conferida a esse fator nos processos de pensamento descritos por Bion.

Seria possível argumentar que, em princípio, ambas as expressões significam exatamente a mesma coisa, isto é, que tanto uma quanto a outra significam que um determinado objeto é esperado e não se faz presente; mas não é bem assim.

Se considerarmos a expressão “realização negativa” de maneira mais precisa, vemos que o termo “realização” traz consigo um sentido positivo, isto é, de “fazer real e efetiva alguma coisa” – nessas circunstâncias, tornar real a “não-coisa” ou *realizar* a “presença da ausência do objeto” (em oposição à “ausência da presença”).

Ademais, a expressão “ausência do objeto” não se refere à ausência física do objeto (o que implicaria uma concretificação da imaterialidade dos processos mentais); refere-se, na verdade, a uma experiência emocional na qual um objeto concreto pode até mesmo estar presente, mas, invariavelmente, mostrar-se-á diferente do objeto desejado.

A importância dessa discriminação reside no fato de que o passo seguinte, isto é, iludir a frustração ou modificá-la, dependerá não apenas da tolerância do sujeito à frustração em si, mas também da sua consciência de que o objeto presente não é aquele cuja expectativa estava, por assim dizer, “desenhada” em sua mente.

Se essa consciência se torna efetiva, é possível, por meio de uma relação biunívoca entre objeto da mente e objeto presente, estabelecer uma correlação entre ambos (ainda que o objeto presente seja, “em-si-mesmo”, “des-conhecido”) e, a partir desse ponto, desenvolver uma representação do fenômeno.

Se retomarmos agora as proposições de Bion para a formação dos pensamentos e adotarmos como referência adicional as considerações dos parágrafos anteriores, penso ser possível identificar o que efetivamente se configura numa teoria epistemológica genuinamente psicanalítica para a formação dos pensamentos, na qual, ao contrário do que propõe Kant, a representação do objeto, isto é, o pensamento, advém da experiência emocional de *realização* da “presença da ausência” do objeto – um processo para a formação dos pensamentos absolutamente inaceitável para o sistema kantiano, o qual condiciona seu desenvolvimento à conjunção entre a sensação física do objeto e os conceitos a priori.

Entretanto, penso ser necessário reafirmarmos que Bion não abandona propriamente a equação kantiana para a formação dos pensamentos, mas, sim, torna-a adequada à investigação psicanalítica, isto é, ao âmbito da experiência emocional, na medida em que acrescenta ao esquema kantiano original tanto o objeto de investigação de interesse específico da psicanálise, a própria realidade psíquica (distinguindo-a da realidade material), como o próprio método analítico e suas teorias correspondentes.

Nesse sentido, creio ser útil termos em conta que um dado referencial epistemológico não nos fornece o conjunto de fatores com os quais vamos operar, mas apenas uma espécie de esquema compreensivo no qual são empregados nossas teorias e nosso método de investigação.

Em outras palavras, um dado referencial epistemológico não nos fornece um sentido lógico ou “psico-lógico” dos fenômenos que observamos, ou seja, não nos orienta para o *que* ou o *quanto* conhecemos, mas apenas *como* conhecemos.

### *1.5 Aprendendo da experiência emocional*

Na introdução de *Learning from experience*, Bion (1962/1991) nos sinaliza um importante referencial que vai conduzir suas hipóteses de trabalho sobre a relação entre a experiência emocional e o aprendizado ao dizer: “na metodologia psicanalítica, o critério não deve depender de determinado uso ser correto ou incorreto, ter significado ou ser verificável, mas de sua capacidade de promover desenvolvimento” (p. 3, “Introdução”).

Dado que Bion adota esse viés – a meu ver, genuinamente epistemológico –, considera desenvolvimento psíquico como algo independente da adequação a preceitos normativos psicanalíticos ou filosóficos e insere o trabalho do analista na área do desconhecido e do pensamento crítico e reflexivo.

Essa linha de pensamento, se comparada com as recomendações da metodologia científica aplicada à pesquisa empírica, poderia sugerir certa falta de rigor no que diz respeito ao estabelecimento de pressupostos previamente testados e comprovados, os quais vão conferir validade metodológica e estatística aos resultados obtidos

por meio de determinado processo de investigação. Entretanto, devemos nos perguntar se a psicanálise deve adotar de forma irrestrita os preceitos das ciências empíricas, uma vez que não se ocupa da investigação da realidade material, mas da realidade psíquica.

A essa pergunta Bion certamente responderá negativamente, reafirmando o aforismo de Freud (1900/1974) de que “a realidade psíquica é uma forma especial de existência que não deve ser confundida com a realidade material” (p. 658).

É exatamente com o propósito de não confinar a psicanálise em sistemas científicos previamente constituídos, assim como a uma determinada escola filosófica ou epistemológica, que Bion (1962/1991) nos informa no capítulo 1 de *Learning from experience* que *função alfa* é um termo intencionalmente desprovido de significado, e acrescenta que “o objetivo desse termo sem significado é prover a investigação psicanalítica de um equivalente da variável dos matemáticos, uma incógnita” (p. 3).

E mais adiante: “é importante que não se empregue esse termo prematuramente para comunicar significados, porque esses significados prematuros podem ser precisamente aqueles que é necessário excluir” (p. 3).

A partir dessa linha de pensamento, Bion propõe, ao longo de *Learning from experience*, uma série de conceitos primariamente sem sentido, como *função alfa*, *elementos alfa*, *elementos beta*, *barreira de contato*, *rêverie*, *tela beta*, entre outros, cujo eventuais desenvolvimentos de significados estão invariavelmente vinculados à experiência emocional compartilhada por analista e analisando por meio dos vínculos L, H e K,<sup>6</sup> assim como pela relação entre

---

<sup>6</sup> Os vínculos representados pelas letras L, H e K se referem, respectivamente, aos vínculos de amor (*love*), ódio (*hate*) e conhecimento (*knowledge*).

♀♂ (continente e conteúdo) e  $PS \leftrightarrow D$  – uma base epistemológica estranha à filosofia ou à teoria da ciência.

Por outro lado, Bion também deixou clara sua intenção de não criar teorias ad hoc com o objetivo de descrever eventuais achados clínicos que, supõe-se, ainda não tenham sido observados.

Entretanto, a partir desse vértice de compreensão epistemológica que empregou em *Learning from experience*, certas teorias psicanalíticas adquiriram sentidos até então inexplorados – o que, em alguns casos, restituiu a essas teorias um vigor análogo ao de uma concepção inédita em função da ampliação do seu sentido e, por conseguinte, da sua abrangência como instrumento clínico.

Um exemplo típico dessa expansão pode ser visto no dinamismo conferido à passagem da posição esquizoparanoide para a posição depressiva ( $PS \rightarrow D$ ), contida na formulação original de Melanie Klein (1946/1982), em que a introdução de um duplo sentido de direção ( $PS \leftrightarrow D$ ) transforma ambas as posições em um par complementar cuja constante relação dialética passa a ser essencial para o desenvolvimento do pensamento simbólico.

Essa relação dialética, apesar de não alterar o significado original dos conceitos formulados por Melanie Klein, visto que são empregados não mais segundo um viés empírico-positivista, mas segundo um vértice relacional, biunívoco e complementar, confere a ambas as posições um sentido epistemológico até então não utilizado.

Além do mais, ainda que não alterando minimamente a qualidade fantástica da identificação projetiva conforme descrita por Klein (1946/1982), passou a utilizá-la como um elemento móvel da realidade psíquica, que transita com dupla mão de direção na relação interpessoal mãe-bebê (e, por analogia, entre analista e analisando), que pode ter o seu significado primitivo modificado por meio da capacidade de *rêverie* materna ou de continência do analista.



Por outro lado, inaugura um conceito marcadamente epistemológico e de aplicação clínica direta que está presente em várias passagens de sua obra e é essencial para a compreensão de seu pensamento.

Refiro-me ao conceito de *insaturação*, usualmente representado pela letra grega  $\xi$  (*csi*) e cujo sentido se refere à parte da experiência que aguarda o desenvolvimento de um significado a partir da experiência emocional compartilhada entre analista e analisando.

Um outro aspecto, a meu ver, igualmente significativo do descompromisso de Bion com um referencial filosófico ou epistemológico específico, que faz com que possamos afirmar que desenvolveu uma epistemologia própria para os fenômenos psicanalíticos, pode ser observado no uso dos termos *conjunção constante* e *fato selecionado*.

O primeiro pode ser encontrado na filosofia empirista de David Hume (1784/1973) e significa sinteticamente que a noção de que certos elementos estão *constantemente conjugados* é uma operação que se dá na mente do observador e depende, essencialmente, de uma repetição de experiências análogas que reiteram que, por exemplo, um determinado efeito é provocado por uma causa específica.

Em outras palavras, a *conjunção constante* é produto do *hábito* do observador de relacionar eventos distintos – um processo que suponho ser familiar a nós, analistas, na medida em que frequentemente relacionamos certas peculiaridades do comportamento do cliente na sala de análise a observações que fizemos anteriormente a respeito do seu funcionamento mental.

Quanto ao *fato selecionado*, trata-se de um conceito elaborado pelo matemático Henri Poincaré<sup>7</sup> e refere-se ao resultado

---

7 Henri Poincaré foi o matemático francês responsável pelo desenvolvimento das equações matemáticas da teoria da relatividade, mas que, embora reconhecido por suas formulações inovadoras, não alcançou a mesma notoriedade de seu contemporâneo Albert Einstein.

da conjugação de certos elementos clínicos (para Poincaré, de certos elementos matemáticos) até então dispersos, que, ao serem relacionados, conferem um sentido específico e operativo à situação analítica.

Esses dois exemplos, além de fornecerem alguns indicadores do diversificado sistema de notação empregado por Bion, podem nos ser igualmente úteis para observarmos o alto grau de dificuldade de seguirmos a sua recomendação de não se atribuir precocemente um significado a determinados termos, dado que tanto a expressão *conjunção constante* quanto o termo *fato selecionado* foram adquirindo, ao longo do tempo, não mais a sua configuração original de uma incógnita que diz respeito aos processos mentais do analista, mas o sentido de conceitos que descrevem, quase concretamente, certas peculiaridades do funcionamento mental do analisando.

Em suma, o aspecto para o qual procuro chamar a atenção nesse contexto é que certas formulações propostas por Bion foram perdendo gradativamente a qualidade e o frescor de um fator cujo significado emerge da experiência analítica e adquiriram o valor de uma constante – no caso da função alfa, por exemplo, não é infrequente a vermos descrita de forma quase biológica, análoga à de um órgão do corpo humano, cujo metabolismo normal produzirá elementos alfa e, se comprometido, elementos beta.

Bion foi, a meu ver, o primeiro psicanalista, depois de Freud, a colocar sob amplo escrutínio as bases filosóficas e epistemológicas da psicanálise.

Suas reflexões parecem estar permeadas por um deliberado desprendimento de algumas regras preestabelecidas, as quais, em certos sistemas científicos, além da função de sistematizar uma determinada metodologia, contribuem, de forma indireta, para que o investigador mantenha um estado mental com discreto grau de ansiedade e de incertezas, tanto no que diz respeito ao

método de investigação empregado quanto em relação aos “fatos” que supõe observar.

Entretanto, é necessário não perder de vista que Bion procede suas incursões por novas formas de compreensão teórico-clínicas, invariavelmente, de acordo com um estrito rigor científico, de modo que a compreensão de muitas de suas proposições deve considerar um aspecto muitas vezes destacado em seus textos, isto é, de que o importante não é exatamente *qual*, mas *como* um observador opera um determinado sistema de observação e notação.

Dito de outro modo, independentemente do referencial teórico e do sistema de notação adotados pelo observador psicanalítico, Bion nos pergunta: qual a experiência emocional do observador? Curiosidade? Arrogância? Rivalidade? Amor à verdade? Manutenção do *establishment*?

Por outro lado, desconheço que haja alguma corrente filosófica cuja pedra de toque para o desenvolvimento de uma representação, uma compreensão ou um pensamento, seja a emoção.

Considero ser uma compreensão possível de alguns escritos de Bion que *aprender da experiência emocional* pode significar que o analisando aprende sobre si mesmo e sobre suas emoções a partir das interpretações do analista.

Penso que essa compreensão permeada por concepções que nos remetem aos conceitos de transferência e repressão, além de nos colocar, enquanto analistas, numa posição razoavelmente confortável, na medida em que conserva um viés empírico-positivista, o qual considera as interpretações do analista como uma descrição de “fatos” observados no analisando, não nos contempla com o aparecimento do que Bion denomina uma “nuvem de probabilidades” quanto ao sentido de determinado evento clínico.

Um exemplo ilustrativo dos diferentes sentidos que uma teoria psicanalítica pode adquirir, dependendo do referencial epistemológico adotado, foi dado por uma paciente, cujos relatos de sonhos são espontaneamente frequentes e que, num dado momento da análise, comenta: “eu descobri que tenho três tipos de sentimentos muito diferentes com os meus sonhos: um quando eu sonho, outro quando me lembro do sonho e um terceiro, quando eu o conto a você na sessão”.

Se considerarmos, nesse caso, a narrativa do sonho segundo a concepção clássica de Freud (1900/1974), certamente teremos um único sonho sonhado pela paciente, isto é, aquele narrado na sessão e cujo sentido pode ser dado pelo analista a partir das associações da analisanda.

Entretanto, se, em vez de dirigirmos nossa atenção somente para a estrutura imagética do sonho – a meu ver, apenas uma espécie de “espaço cenográfico” sem um significado específico próprio –, procurarmos avaliar a qualidade das emoções presentes cada vez que essas imagens oníricas se apresentam à consciência, talvez possamos considerar que um mesmo sonho, isto é, um mesmo conjunto de imagens oníricas, poderá conter um grau variado de significados que dependerão da experiência emocional presente.

Essa forma de compreensão pode ser igualmente observada na descrição feita por Bion (1992, p. 180) da imagem de uma igreja que lhe vem à mente enquanto conversa com um amigo (a igreja do povoado próximo ao local onde estaria durante as férias), que, nessa concepção, adquire a função de representar a totalidade da experiência emocional do encontro com o amigo.

Independentemente das teorias que adotamos para pensar psicanálise, é necessário que tenhamos em conta que essas mesmas

teorias, dependendo do referencial epistemológico que adotamos, apresentarão configurações singulares e sentidos muitas vezes inusuais, se comparados ao seu significado original.

### *1.6 Elementos de psicanálise: matematização ou expansão*

Bion é frequentemente visto por seus críticos ou por seus defensores ora como filósofo, ora como matemático, porém, suas proposições, independentemente do vértice que adota, têm, invariavelmente, o viés psicanalítico como pedra de toque, ainda que expresse em sua obra, e particularmente em *Elements of Psychonalysis* (1963/1989), um contínuo interesse pela busca de padrões que possam conferir à prática psicanalítica certo potencial de generalização.

Um exemplo da busca de padrões que possam auxiliar o psicanalista a pensar clinicamente fora do contexto da sala de análise está na elaboração da Grade (Bion, 1963/1989, p. 22-27) – um sistema de coordenadas cartesianas composto por um eixo genético, que representa crescimento segundo diferentes graus de desenvolvimento do pensamento, e um eixo sistemático, que representa os possíveis usos das ideias.

Na Grade, Bion procura desenvolver um sistema constituído por regras e princípios com suficiente grau de abstração e generalização, de modo a permitir que a configuração de determinados objetos psicanalíticos (estes últimos, uma abstração altamente sofisticada dos eventos clínicos) possa ser descrita com certo grau de independência da narrativa do analisando ou do analista.

Outrossim, a elaboração da Grade também parece estar baseada em certos princípios da lógica aristotélica, segundo a qual é possível

construir um sistema de notação que expressa, em linguagem matemática, tanto as estruturas quanto as operações do pensamento, deduzindo-as de um número reduzido de axiomas com a intenção de criar uma linguagem rigorosa, adequada ao pensamento científico como é concebido pela tradição empírico-positivista – o que poderia ser eventualmente compreendido como uma tentativa de aplicar à psicanálise um conjunto de preceitos matemáticos que podem ser manipulados a partir de operações lógicas.

Entretanto, é necessário nos perguntarmos se Bion, ao adotar uma linguagem matemática para descrever certos eventos clínicos, simplesmente abdicou da especificidade da psicanálise, depurando-a de seu caráter infável e subjetivo, ou se, ao contrário, atendeu à necessidade de evitar seu isolamento epistemológico, inserindo-a no campo da transdisciplinaridade, contando, para isso, com a contribuição da filosofia e da matemática, além de disciplinas como a física, a biologia, a química, a astronomia, entre outras, cujas referências podem ser encontradas em seu livro *Cogitations* (Bion, 1992).

Bion (1962/1989) parece procurar incluir nas proposições de *Elements of Psychoanalysis* o objetivo comum a todas as ciências, isto é, a criação de um sistema de postulados e axiomas em que a filosofia e a matemática são meros instrumentos de representação dos padrões encontrados a partir da experiência clínica e não devem ser confundidas com o objeto de investigação, tampouco com a teoria ou com o método psicanalíticos.

Por outro lado, apesar de dedicar boa parte dos *Elements of Psychoanalysis* para o estudo da Grade, seu foco de atenção também se dirige, talvez de forma até mais abrangente, para uma série de questões que interessam de perto à prática clínica, como a função da mentira, a função da curiosidade, o papel dos mitos pessoais do analisando e do analista, da descrição dos elementos de psicanálise

(relação continente-conteúdo e PS  $\leftrightarrow$  D), da particularização de L, H e K como vínculos entre os objetos psicanalíticos e da delimitação do campo das ideias e da razão a serviço das paixões.

Entretanto, seu interesse não parece estar voltado apenas para a sistematização de certos elementos de psicanálise, pois, a partir da definição de suas especificidades, Bion passa a operar de diferentes *vértices*, os quais vão conferir a esses mesmos objetos sentidos igualmente diversos – uma concepção que expandirá consideravelmente em *Atenção e interpretação* (Bion, 1970/1973).

Um exemplo expressivo desse emprego pode ser observado a partir dos diferentes ângulos pelos quais aborda o mito de Édipo, em que se destacam, de forma quase caleidoscópica, ora a curiosidade, ora a arrogância de Édipo, o pronunciamento do oráculo, em outro momento o emprego da mentira por Tirésias etc.

A partir desse modelo, Bion não mais nos estimula a considerarmos os processos pelos quais se formam os pensamentos ou as representações, ou se estamos nos movimentando na área da fragmentação ou da integração das ideias, mas nos chama a atenção para o fato de que um mesmo objeto pode ser visto de diferentes pontos de vista, de diferentes *vértices*, como prefere chamar, e que, dependendo do ângulo pelo qual o observamos, teremos uma configuração peculiar.

Um modelo que, apesar de sensorial, parece apropriado para ilustrar esse viés epistemológico é o do sólido geométrico multifacetado: dependendo do ângulo pelo qual o observamos, teremos a visão de algumas de suas faces, enquanto outras estarão fora do nosso campo visual.

Essa nova compreensão que Bion sugere para os objetos psicanalíticos nos coloca diante de problemas análogos àqueles enfrentados no século XX pela mecânica quântica, que, a partir da constatação da

impossibilidade de termos uma descrição completa dos fenômenos relacionados ao comportamento de certas partículas subatômicas, formulou o conhecido *princípio da incerteza* ou *da indeterminação*.

A exemplo do que Freud legou à psicologia do inconsciente, Kant, à filosofia, e Einstein, Poincaré e Heisenberg, à física e à matemática, Bion expandiu consideravelmente na psicanálise os limites da dúvida e do desconhecido, e o significado da experiência analítica se libertou dos limites impostos tanto pelo vértice racionalista quanto pelo viés empírico-positivista, e adquiriu o desconcertante relativismo indeterminístico contido na concepção de que o aprendizado, seja ele qual for, se dá a partir da “experiência emocional” e de que “os objetos psicanalíticos são associações e interpretações com extensões no domínio dos sentidos, do mito e da paixão” (Bion, 1963/1989, p. 103).

### *1.7 Transformações: evolução ou ruptura*

A teoria de transformações tem sido compreendida por muitos estudiosos da obra de Bion como uma continuidade de suas ideias anteriores desenvolvidas em *Learning from experience* (1962/1991) e *Elements of Psychoanalysis* (1963/1989).

Essa compreensão se deve a dois fatores principais: primeiro pelo fato de Bion conservar as noções básicas de Freud relativas à teoria da transferência, dos princípios de prazer e dor e princípio da realidade, assim como por adotar amplamente as concepções kleinianas de relação objetal, clivagem, identificação projetiva etc.; e segundo, por manter certas noções da epistemologia kantiana como base para suas formulações.

Algumas evidências desses referenciais teóricos freudianos e kleinianos podem ser observadas, por exemplo, na formulação do conceito de transformação em movimento rígido, que se refere ao



tipo de transformação que guarda as características de repetição próprias da transferência, assim como o de transformação projetiva, que se refere à dinâmica envolvida nos processos de clivagem e de identificação projetiva.

Entretanto, é necessário termos em conta que Bion esclarece que a teoria de transformações não pretende se constituir em uma nova teoria psicanalítica, mas, sim, em uma teoria de *observação psicanalítica*.

Sob esse vértice, podemos considerá-la mais como uma teoria epistemológica do que psicanalítica, na medida em que seu foco de atenção parece estar voltado prevalentemente para as condições pelas quais podemos observar determinados fenômenos clínicos, isto é, para o exame do nosso instrumental de investigação clínica.

Entretanto, é essencial considerar que a teoria de transformações traz em sua base um significativo distanciamento dos referenciais epistemológicos empregados por Freud e Klein, segundo os quais o conceito de *interpretação*, por exemplo, se alicerça em uma epistemologia de inspiração empírico-positivista e determinística, que descreve o dado de observação a partir do objeto e considera o analista, enquanto livre de reações contratransferenciais, como fator potencialmente neutro na relação analítica – um modelo com características muito próximas ao adotado pela medicina.

No entanto, apesar de certos elementos “diagnósticos” continuarem se mostrando úteis tanto na clínica como na formulação de teorias psicanalíticas, o fato de ficarem mais e mais evidentes os aspectos assim chamados psicóticos no funcionamento mental de indivíduos considerados normais fez com que tanto a função diagnóstica, conferida à psicanálise a partir do modelo médico, quanto a ideia de que o psicanalista pode operar nas mesmas condições de assepsia de um cirurgião ou de um arqueólogo, como queria Freud (1937/1976), fossem perdendo gradativamente seu sentido operativo original.

A teoria de transformações passou a considerar, como nenhuma outra, as peculiaridades do analista enquanto agente dotado de vontade e decisão na situação clínica e cuja interferência não se limita aos entraves provocados pela contratransferência ou ainda por suas preconcepções teóricas, sua análise pessoal e de supervisão, mas também, e talvez principalmente, pelas características de sua personalidade e por seu próprio estado de espírito no momento da sessão.

Creio que cada um de nós, visto que acumulamos suficiente experiência clínica e adquirimos uma certa liberdade para transitar por meio de nossas concepções clínico-teóricas e por nossos mitos pessoais, podemos detectar essa condição como mais comum do que os textos que trazem descrições de fragmentos clínicos podem sugerir.

Na medida em que consideramos que tanto o analisando quanto o analista efetuam transformações do que ocorre na sala de análise, o significado do termo *interpretação*, a partir da teoria de transformações, perde seu caráter determinista e passa a ter um sentido meramente opinativo (Bion, 1965/1983; Meltzer, 1996/1997) – uma concepção expressa por Bion no capítulo 4 de *Transformações* nos seguintes termos: “a expressão verbal (do analista) deve ser limitada de maneira que expresse verdade sem qualquer implicação além da implicação de que ela é verdade na *opinião do analista*” (p. 53).

Por outro lado, esse novo referencial, ainda que desconstrutivo em relação à epistemologia psicanalítica clássica, mantém praticamente inalterados dois dos elementos fundamentais utilizados tradicionalmente pela psicanálise, a saber, o *objeto de investigação*, que se mantém no âmbito da realidade psíquica, e o método de investigação, que tem como pedra de toque o próprio processo psicanalítico. Entretanto, abandona sistematicamente o clássico viés determinístico da psicanálise em favor de uma epistemologia que considera a relação sujeito-objeto, o par analisando-analista, como uma configuração *sui generis*, cujas características não podem ser reproduzidas a não ser

num plano histórico-narrativo baseado nos recursos da memória, cujo vértice de compreensão está assentado fundamentalmente na experiência ocorrida durante a situação de análise. Segundo essa configuração, Bion (1965/1983) propõe que tanto analista quanto analisando têm apenas acesso aos “fatos” que ocorrem na sessão, ao “O” da sessão, como diz.

Do ponto de vista filosófico, as ideias expressas na teoria de transformações não representam, no meu entender, uma mudança completa de vértices (se comparada às suas concepções anteriores), pois mantêm em sua base as formulações originais de Kant relativas à diferenciação entre *númeno* e *fenômeno*, *intuição* e *conceito*, e de qualidades primárias e secundárias<sup>8</sup> que são atribuídas aos objetos enquanto parte da relação sujeito-objeto.

A manutenção do esquema epistemológico de Kant pode ser observada, por exemplo, nos processos de *transformação* descritos por Bion, em que os fatores O, T $\alpha$  e T $\beta$  parecem corresponder, respectivamente, à “coisa em si kantiana” (O), ao processo (T $\alpha$ ) pelo qual o sujeito (o analisando ou o analista) vai “construindo” um conhecimento possível e, por fim, ao significado do fenômeno (T $\beta$ ).

Entretanto, o mesmo não se pode dizer quanto à possibilidade de se ter um conhecimento completo dos processos pelos quais se adquire conhecimento, como queria Kant (1781/1983), uma vez que Bion considera *conhecimento* como um constante devir de concepções que, porquanto encontram realizações que conferem um sentido possível a um fenômeno observado, transformam-se em novas preconcepções, as quais imprimem um caráter sempre evolutivo ao conhecimento e cuja pedra de toque é o *desconhecido* – uma

---

8 Kant denomina de *qualidades primárias* aquelas “inerentes” aos objetos, a saber: forma, extensão, impenetrabilidade etc.; e de *secundárias* aquelas que dependem da subjetividade do observador, isto é, calor, cor, gosto etc.

concepção expressa frequentemente por Bion por meio do aforismo de Maurice Blanchot de que “a resposta é o infortúnio da questão”.

As implicações contidas nessas ideias, a meu ver, revolucionárias, têm, por vezes, levado alguns autores à compreensão de que o abandono do referencial epistemológico empírico-positivista pode levar a psicanálise ao limbo de uma pseudociência em que o “palpite” do analista passa a ser a pedra de toque na situação clínica.

Entretanto, há um profundo equívoco nessa compreensão, notadamente pelo fato de que, na medida em que o analista que passa a levar em conta a sua própria experiência emocional como um dos elementos fundantes para a formulação de uma “interpretação”, ele terá de haver-se, inevitavelmente, com o contínuo desenvolvimento de uma disciplina interna por meio da qual o vértice analítico seja mantido livre, o quanto possível, da interferência de fatores ligados à memória, desejo e compreensão, ainda que dentro do clima de turbulência emocional invariavelmente presente no encontro de duas pessoas na sala de análise.

Por fim, penso que, se pudermos nos utilizar de uma visão macroscópica sobre esses mais de 100 anos de existência, talvez possamos considerar que a psicanálise passou, e tem passado, pelas mesmas vicissitudes que a própria filosofia experimentou no decorrer de sua longa história, visto que, com Freud, viveu um período marcadamente racionalista; com Klein, evoluiu sob forte influência do empirismo inglês; e, com Bion, atingiu certo grau de maturidade com a adoção de um sistema que não se volta aos extremos, mas que considera, com igual importância, sujeito e objeto, ou analisando e analista, como elementos complementares que sofrem interferências mútuas dentro do mesmo e único processo – a relação psicanalítica.

## Referências

- Bion, W. R. (1973). *Atenção e interpretação: uma aproximação científica à compreensão interna na Psicanálise e nos grupos* (C. H. Afonso, Trad.). Imago. (Trabalho original publicado em 1970)
- Bion, W. R. (1983). *Transformações: mudança do aprendizado ao crescimento* (C. H. P. Afonso, M. R. A. Junqueira e L. C. U. Junqueira Filho, Trans.). Imago. (Trabalho original publicado em 1965)
- Bion, W. R. (1989). *Elements of Psychoanalysis*. Karnac. (Trabalho original publicado em 1963)
- Bion, W. R. (1991). *Learning from experience*. Karnac. (Trabalho original publicado em 1962)
- Bion, W. R. (1992). *Cogitations*. Karnac Books.
- Bion, W. R. (1993). A theory of thinking. In *Second thoughts* (pp. 110-119). Karnac. (Trabalho original publicado em 1962)
- Bion, W. R. (1993). *Second thoughts: selected papers on Psychoanalysis*. Karnac. (Trabalho original publicado em 1967)
- Descartes, R. (1989). *Regras para a direção do espírito* (J. Gama, Trad.). Edições 70. (Trabalho original publicado em 1628)
- Freud, S. (1974). A interpretação de sonhos. In *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud: Vol. 5. A interpretação dos sonhos (II) e Sobre os sonhos (1900-1901)* (W. I. Oliveira, Trad., pp. 543-568). Imago. (Trabalho original publicado em 1900)
- Freud, S. (1974). Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental. In *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud: Vol. 12. O caso Schreber, Artigos sobre*

*técnica e outros trabalhos (1911-1913)* (J. O. A. Abreu, Trad., pp. 273-288). Imago. (Trabalho original publicado em 1911)

Freud, S. (1974). O inconsciente. In *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud: Vol. 14. A história do movimento psicanalítico, Artigos sobre a metapsicologia e outros trabalhos (1914-1916)* (J. Salomão, Trad.). Imago. (Trabalho original publicado em 1915)

Freud, S. (1976). O ego e o id. In *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud: Vol. 19. O ego e o id e outros trabalhos (1923-1925)*. Imago. (Trabalho original publicado em 1923)

Freud, S. (1976). Um estudo autobiográfico. In *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud: Vol. 20. Um estudo autobiográfico, Inibições, sintoma e ansiedade, Análise leiga e outros trabalhos*. Imago. (Trabalho original publicado em 1925)

Freud, S. (1976). Conferência XXXI: A dissecação da personalidade psíquica. In *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud: Vol. 22. Novas conferências introdutórias sobre psicanálise e outros trabalhos (1932-1936)*. Imago. (Trabalho original publicado em 1933)

Freud, S. (1976). Construções em análise. In *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud: Vol. 23. Moisés e o monoteísmo, Esboço de psicanálise e outros trabalhos (1937-1939)*. Imago. (Trabalho original publicado em 1937)

Heimann, P. (1950). On counter-transference. *The International Journal of Psychoanalysis* 31, 81-84.

Heisenberg, W. (1995). *Física e Filosofia* (J. L. Ferreira, Trad.). Editora Universidade de Brasília. (Trabalho original publicado em 1958)

- Hume, D. (1973). *Investigação sobre o entendimento humano*. Abril Cultural. (Trabalho original publicado em 1784)
- Kant, I. (1983). *Crítica da razão pura* (V. Rohden e U. B. Moosburger, Trans.). Abril Cultural. (Trabalho original publicado em 1781)
- Kant, I. (1984). Introdução à crítica do juízo. In *Textos selecionados* (R. R. Torres Filho, Trad., pp. 163-203). Abril Cultural. (Trabalho original publicado em 1789)
- Kant, I. (1988). *Prolegómenos a toda a metafísica futura* (A. Morão, Trad.). Edições 70. (Trabalho original publicado em 1783)
- Klein, M. (1982). Notas sobre alguns mecanismos esquizoides. In M. Klein, P. Heimann, S. Isaacs, & J. Riviere, *Os progressos da Psicanálise* (A. Cabral, Trad., 2a ed., pp. 313-343). Zahar Editores. (Trabalho original publicado em 1946)
- Leibniz, G. W. (1982). Meditaciones sobre el conocimiento, la verdad y las ideas. In *Escritos filosóficos* (R. Torretti, T. Zwanck e E. Olaso, Trans., pp. 271-278). Editorial Charcas. (Trabalho original publicado em 1684)
- Locke, J. (1973). *Ensaio acerca do entendimento humano* (A. Aiex e E. J. Monteiro, Trans.). Abril Cultural. (Trabalho original publicado em 1690)
- Meltzer, D. (1997). *Meltzer em São Paulo: seminários clínicos* (M. O. A. F. França e E. S. Marra, Orgs.). SBPSP; Casa do Psicólogo. (Trabalho original publicado em 1996)
- Mora, J. F. (1978). *Dicionário de Filosofia* (A. J. Massano e M. J. Palmeirim, Trans.). Publicações Dom Quixote. (Trabalho original publicado em 1974)



*A contribuição de Wilfred Bion* para a psicanálise é inegável. Sua proposta de uma outra forma de se pensar e fazer psicanálise inaugura um novo paradigma, colocando a experiência emocional no centro do desenvolvimento mental. Suas teorizações, ainda em pleno curso e escrutínio, estão inevitavelmente apoiadas em uma conjectura própria, confeccionada sobre diferentes vértices que norteiam seu trabalho. A filosofia se apresenta como um desses vértices, incrustada em sua vida e em sua produção teórica. Participa da construção dos pilares de um pensamento complexo e absolutamente livre que nos remete a uma dimensão do infinito.

Sócrates, Platão, Nietzsche, Hume, e principalmente, Kant, entre vários outros filósofos, orbitam o universo criativo de Bion, despontando, cada um a seu tempo e com sua devida força, como pontos de luz a fornecerem subsídios para a fascinante viagem pela mente humana que Bion nos convida a fazer.

*Silvana Maria Bonini Vassimon*

Membro efetivo com funções didáticas da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto (SBPRP) e membro associado da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP).

PSICANÁLISE

ISBN 978-85-212-2154-8



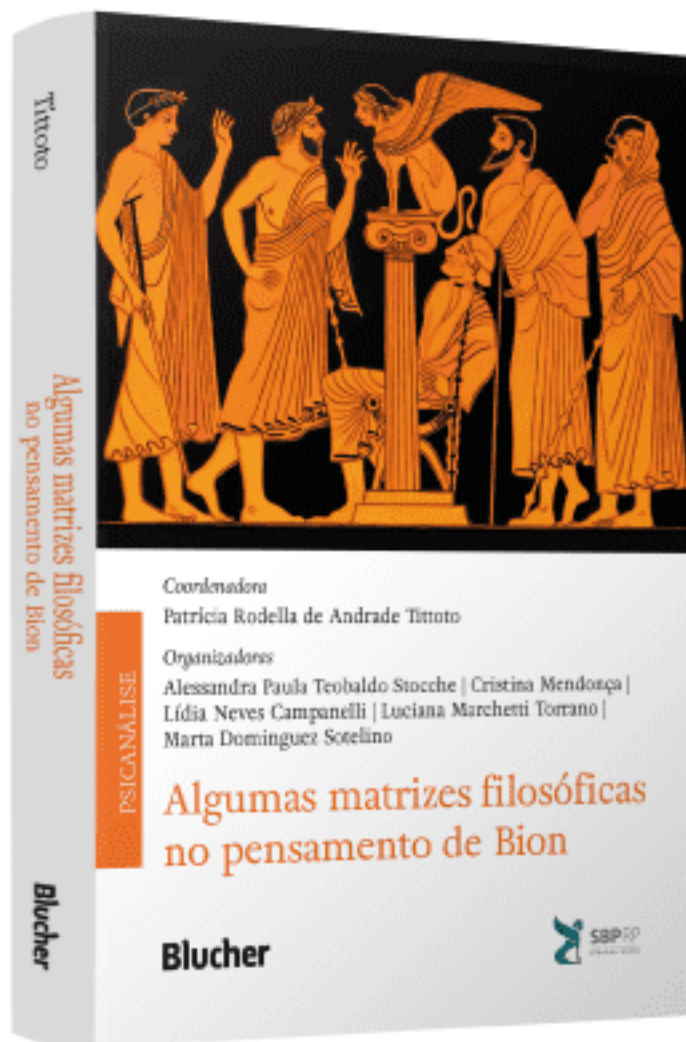
9 788521 221548



[www.blucher.com.br](http://www.blucher.com.br)

**Blucher**





Clique aqui e:

[VEJA NA LOJA](#)

## Algumas matrizes filosóficas no pensamento de Bion

---

Lídia Neves Campanelli, Patrícia Rodella de Andrade Tittoto,  
Alessandra Paula Teobaldo Stocche, Cristina Mendonça,  
Luciana Marchetti Torrano, Marta Dominguez Sotelino

ISBN: 9788521221548

Páginas: 540

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2023

---